

ANÁLISE COMPARATIVA DO COMPORTAMENTO COOPERATIVO DE ALUNOS DA MODALIDADE EJA EM RELAÇÃO A HÁBITOS DESCRITOS NO LIVRO “VENCENDO A COMPETIÇÃO”

Willian Peixoto de Oliveira¹

Thuiza Carla de Melo²

Adriano Deivid de Moura Rodrigues³

Diogo Yuri de Almeida⁴

RESUMO

Este artigo analisa o uso de um jogo cooperativo desenvolvido para ensinar o conteúdo de modelos atômicos na disciplina de química para alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na escola CEJA (Centro de Educação de Jovens e Adultos) localizada em Assu-RN. O referencial teórico será baseado principalmente nos estudos descritos por Terry Orlick em seu livro “Vencendo a Competição”, onde serão explorados os comportamentos cooperativos observados nos alunos da modalidade EJA com o jogo de química em comparação com os comportamentos estudados e descritos por Orlick em seu livro, sendo assim, utilizado o método de pesquisa qualitativa observacional. Os resultados mostram principalmente uma recepção positiva ao jogo, onde foi possível auxiliar na compreensão do conteúdo da disciplina de química, mesmo com o lado cooperativo sendo pouco exercitado e explorado em jogos mais conhecidos e tradicionais, e com isso, foi possível observar e relacionar hábitos observados e descritos no livro “Vencendo a Competição” com comportamentos vistos nos discentes ao ter contato com a metodologia focada na cooperação. Em conclusão, os estudos de Orlick nos mostram comportamentos cooperativos que são realizados de forma natural e instintiva e a pesquisa observa que essas ações ainda podem estar presentes atualmente se exercitadas de forma correta, e além de tudo, podem estar presentes na educação.

Palavras-chave: Cooperação, Jogo, Educação

INTRODUÇÃO

Desde muito tempo, o nosso estilo de vida tem influenciado em uma visão distorcida sobre a competição e cooperação, o sistema predatório em que vivemos nos dá uma falsa impressão de que a cooperação não funciona mais nos dias de hoje. Má interpretações sobre algumas teorias nos fazem acreditar que a competição é instintiva é

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Química, IFRN - Campus Ipanguaçu, willian.peixoto@escolar.ifrn.edu.br;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Química, IFRN - Campus Ipanguaçu, thuiza.carla@escolar.ifrn.edu.br;

³ Graduando do Curso de Licenciatura em Química, IFRN - Campus Ipanguaçu, adriano.m@escolar.ifrn.edu.br;

⁴ Graduando do Curso de Licenciatura em Química, IFRN - Campus Ipanguaçu, yuri.diogo@escolar.ifrn.edu.br;

essencial para a sobrevivência do ser humano, Orlick (1978) cita algo que viu em uma sociedade esquimó, que diante da ameaça de morte por inanição, acabou resultando em uma maior cooperação, levando assim o autor a se questionar, se a competição fosse natural ao homem, frente à ameaça da morte poderia ocorrer maior cooperação? (Orlick, 1978), por isso, podemos refletir que na realidade, não é bem assim que funciona a competitividade “natural” e “instintiva”. Ademais, estudos mostraram que crianças de 4 a 5 anos, tanto nas sociedades competitivas quanto cooperativas, são basicamente cooperativas (Orlick, 1978). Com isso, podemos supor que a competitividade é mais algo construído e ensinado, e não algo natural.

Este trabalho busca desmistificar a irrelevância da cooperação, principalmente no âmbito pedagógico, especialmente fundamentado na obra “Vencendo a competição” publicada no ano de 1978, escrita por Terry Orlick, onde o autor pesquisa, observa e descreve comportamentos humanos que são instintivamente cooperativos e avalia seus resultados, em seu livro Orlick (1978) se faz o seguinte questionamento:

Numa sociedade em que se é recompensado por tirar vantagem de outros, ainda existem aqueles que não estão dispostos a fazê-lo deliberadamente. Serão, então, a competição, a agressão e a exploração naturais ao homem? (Orlick, 1978)

Com essa pergunta, pode-se iniciar uma profunda reflexão sobre o pressuposto de um instinto de competitividade natural do ser humano.

Além dos resultados obtidos por Orlick em suas pesquisas, para fins de comparação com os dias atuais, foi analisado o comportamento de alunos de uma turma da modalidade EJA, em uma escola localizada em Assu-RN, durante uma atividade com foco na cooperação dos discentes. Nessa dinâmica, os alunos teriam que cooperar para completar um jogo de cartas baseado no assunto de modelos atômicos, da disciplina de ciências, em nenhum momento foi induzido ou enfatizado o fator cooperativo do jogo, apenas foram explicadas as regras para que pudessem começar.

O objetivo principal é obter uma evidência de que ainda existe a cooperação de forma natural e que pode ser utilizada em sala de aula para obter resultados positivos, levando em consideração que não foi enfatizado que os alunos teriam que cooperar para atingir seus objetivos no jogo, a cooperação nos mesmos foi totalmente visível, natural e aparentemente sem desorganização em relação à falta de cooperatividade dos discentes, concluindo assim, com um resultado bastante satisfatório para a pesquisa. Além do mais, há alguma indicação de que a competição pode produzir maior insegurança pessoal (Orlick 1978), insegurança essa que já havia sido observada dentro da sala de

aula onde foi aplicada a metodologia, por isso a escolha pelo método cooperativo para a pesquisa com o jogo descrito anteriormente.

METODOLOGIA

A pesquisa foi feita a partir de um método de pesquisa qualitativa observacional, onde o foco é na observação direta e detalhada dos fenômenos em seu ambiente natural, sem manipulação ou interferência por parte do pesquisador, pois consistiu em repassar o jogo como uma atividade que os alunos iriam usar para revisar o conteúdo para avaliação, após as regras serem explicadas os alunos se juntaram em grupos e começaram a jogar, durante as jogatinas, os alunos foram observados, com foco principalmente no seus comportamentos cooperativos durante a revisão.

Inicialmente, o jogo foi idealizado a partir de inspirações em outros jogos de cartas clássicos como Uno e Hanabi, em seguida foi feito com o aplicativo do Canva, e por fim, impresso. O jogo tinha como objetivo a cooperação dos alunos para que todos completassem o jogo juntos e ajudando um ao outro.

Posteriormente, o jogo foi aplicado em sala de aula com o auxílio dos bolsistas do PIBID, a sala foi dividida em grupos e os bolsistas ficaram responsáveis por supervisionar e observar cada grupo e fazer uma pesquisa de satisfação ao final usando um questionário objetivo impresso.

REFERENCIAL TEÓRICO

O uso de jogos na educação tem ganhado cada vez mais espaço no âmbito pedagógico como uma das estratégias eficazes para promover o aprendizado de forma lúdica e interativa, de acordo com Ramos (2017) os jogos educativos, digitais ou não, podem ser excelentes ferramentas para o desenvolvimento de atividades que possibilitem aprendizagens significativas. Os jogos podem proporcionar um ambiente onde os estudantes podem experimentar e aplicar conceitos de maneira mais prática, mesmo que seja utilizando a teoria, além de contribuir para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais, ainda em concordância com Ramos (2017), um dos pontos positivos a se destacar sobre a utilização de jogos é que eles incrementam a socialização entre os alunos e conscientizam para a importância do trabalho em equipa. Por isso, os jogos são uma alternativa para uma aprendizagem mais envolvente,

utilizando desafios, recompensas e narrativas. Ademais, essa abordagem também permite que erros sejam vistos mais como oportunidades de aprendizado, reforçando o conceito de aprendizagem contínua..

Em seguida, é importante ressaltar que a cooperação é um elemento fundamental para o desenvolvimento social em conjunto e individual, sendo de extrema importância para a construção de relações harmoniosas e eficazes, uma vez que, estudos com experiências controladas indicam que gostamos mais das pessoas que cooperam conosco do que das pessoas que competem conosco (Orlick, 1978). Segundo Orlick (1978), A confiança mútua é mais provável de ocorrer quando as pessoas estão positivamente orientadas para o bem estar do outro, logo, podemos refletir que através da cooperação, os indivíduos aprendem, compartilham conhecimentos, trabalham juntos para alcançar objetivos comuns e aprendem a respeitar as perspectivas alheias. Essas habilidades sociais são essenciais tanto no ambiente acadêmico, profissional e para a formação de um cidadão, promovendo a resolução de problemas de forma coletiva e com o fortalecimento de interações interpessoais. Dito isso, o uso da cooperação busca um ambiente de trabalho, ensino e estudo colaborativo, onde a troca de ideias e o apoio mútuo se tornam a chave para bons resultados, visto que, a confiança mútua não pode se desenvolver quando um indivíduo realça sua própria posição (Orlick, 1978), e por isso, podemos refletir sobre importância da cooperatividade para um ambiente de sala de aula mais saudável.

Ademais, Orlick (1978) em seu livro “vencendo a competição”, diz que adquiriu uma substancial quantidade de conhecimento sobre o desenvolvimento psicológico social por intermédio de jogos. Por isso, também podemos analisar esse tipo de metodologia no contexto educacional, onde a cooperação tem um papel fundamental justamente no desenvolvimento das competências sociais e emocionais dos alunos. Ao trabalhar em equipe, os estudantes aprendem a negociar, ouvir, compartilhar responsabilidades e valorizar a contribuição dos seus colegas para o objetivo em comum, logo, isso fortalece habilidades de comunicação e empatia sem malefícios psicológicos, já que não existe qualquer evidência de que um impulso biologicamente herdado para a competição que prejudique o organismo caso seja ignorado (Orlick, 1978). A cooperação dentro da educação também promove um aprendizado mais profundo, pois os alunos interagem uns com os outros e juntos constroem conhecimento de forma significativa. Orlick (1978) cita uma pesquisa feita por Deutsch,

onde ele designou grupos de estudantes universitários para situações de aprendizado cooperativas ou competitivas, e os resultados desse estudo indicaram que a cooperação e não a competição, dentro de um grupo leva à maior coordenação dos esforços, maior diversidade na quantidade da contribuição dos membros, maior atenção aos companheiros, maior produtividade por unidade de tempo, melhor qualidade dos resultados, maior amizade, e avaliação mais favorável do grupo pelos companheiros (Orlick 1978).

Logo, podemos concluir que esse tipo de aprendizagem ativa e cooperativa facilita o desenvolvimento de habilidades críticas, como a resolução de problemas e o pensamento criativo e etc.

Por outro lado, segundo Orlick (1978), a competição é geralmente considerada “natural”, dito isso, muitas vezes pode ser vista como um estímulo ao desempenho individual, especialmente no ambiente educacional, mas seus malefícios também devem ser discutidos e analisados. Ainda de acordo com Orlick (1978), em nossa própria cultura somos citados pela competição, recompensamos os vencedores e rejeitamos os perdedores, isto posto, a competição quando excessiva, pode gerar ansiedade, estresse, desvalorização e até uma cultura de rivalidade, onde o aluno depende do fracasso do colega atingir seu objetivo. Esse tipo de dinâmica afeta negativamente a autoestima e o bem-estar emocional dos discentes, desencorajando a cooperação e o senso de comunidade que deveria se fazer presente em sala de aula. Além disso, a competição pode desviar o foco do aprendizado apenas para a obtenção de resultados imediatos e temporários, prejudicando o desenvolvimento de habilidades a longo prazo e criando um ambiente de insegurança e comparação constante, dificultando uma aprendizagem mais significativa.

Por esse motivo, devemos desmistificar a competição como algo natural do ser humano, pois, ironicamente as pessoas estão sendo destruídas por uma extensão da própria ética competitiva (Orlick, 1978), ademais, de acordo com Orlick (1978),

Existem um conjunto amplo de evidências que indicam que os homens pré-históricos, que viviam juntos colhendo frutas e caçando, caracterizam-se pelo mínimo de destrutividade e o máximo de cooperação e partilha dos seus bens (Orlick, 1978).

Logo, isso argumenta contra a premissa da competitividade natural e instintiva, aliás, ainda de conforme Orlick (1978),

O fato de que existem sociedades onde a competição e a agressão praticamente não existem, bem como sociedades em que a competição cruel e destrutividade são as normas, somos levados a acreditar que esses comportamentos são aprendidos (Orlick, 1978).

Por fim, é importante ressaltar que esses tipos de estudo não são sugestões para que abandonemos nosso modo de vida e substituamos por um outro (Orlick, 1978), mas sim analisar também os malefícios dos métodos mais comuns, dado que, em estudos citados por Orlick (1978) em seu livro, dizem que com relação ao desempenho acadêmico, descobriu-se que as crianças apresentam resultados igualmente bons em classes cooperativas como em competitivas, que nos ajuda a refletir não sobre a superioridade da cooperação, mas apenas revelar a existência da superioridade no método competitivo, como é amplamente divulgado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados que foram observados neste estudo foram positivos, principalmente relacionado a eficácia do jogo cooperativo no contexto educacional. Durante as atividades, não foram observadas situações de conflito, confusões ou brigas entre os alunos participantes, o que nos leva a concluir que foi formado um ambiente harmonioso e propício para a cooperação entre os discentes. Todos os grupos de alunos conseguiram concluir com sucesso as etapas do jogo até o objetivo final, demonstrando que o trabalho colaborativo foi bem assimilado e aplicado na dinâmica proposta.

Por fim, a abordagem cooperativa se mostrou eficaz para promover um bom aprendizado e engajamento dos alunos, os estudantes foram capazes de trabalhar em equipe de forma natural e construtiva, cumprindo o objetivo da pesquisa. Numericamente, os resultados dos questionários de satisfação aplicados após a ação, foram de 91,6% de respostas positivas em relação a metodologia, e 8,4% indecisos em relação a sua satisfação, e nenhuma resposta negativa nos questionários, que contavam com 5 perguntas objetivas estritamente sobre a satisfação dos alunos com a metodologia que estarão evidenciadas na Tabela 1.

Tabela 1

Perguntas	Respostas
1. Você conseguiu aprender com o jogo?	Sim: 7 Acho que sim: 4 Não sei: 1 Acho que não: 0 Não: 0

2. Você acha que os jogos podem ser usados com esse objetivo (ensinar ou aprender) ?	Sim: 9 Acho que sim: 2 Não sei: 1 Acho que não: 0 Não: 0
3. Você considera que a cooperatividade é importante e beneficia o aprendizado?	Sim: 10 Acho que sim: 2 Não sei: 0 Acho que não: 0 Não: 0
4. Você acha que esse tipo de atividade beneficia sua interação com seus colegas?	Sim: 10 Acho que sim: 2 Não sei: 0 Acho que não: 0 Não: 0
5. Você acha que esse tipo de jogo também pode ser utilizado em outras disciplinas?	Sim: 6 Acho que sim: 3 Não sei: 3 Acho que não: 0 Não: 0

Autoria própria

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, foi possível observar cooperação instintiva e natural por parte dos discentes, corroborando assim com as ideias e objetivos da pesquisa, e com as ideias de Orlick (1978), que em seu livro cita a antropóloga Margaret Mead, onde fala que o cooperativismo não depende do ambiente físico, e que é uma estrutura social que define se os membros vão cooperar ou competir entre si.

Ademais, a eficácia do jogo cooperativo em sala de aula também pode ser observada e aprovada pelos discentes como metodologia de ensino, isso abre portas para novos estudos e pesquisas na área da cooperação no campo pedagógico, não apenas com jogos.

REFERÊNCIAS

ORLICK, T.. Vencendo a Competição. **Circulo do Livro**, 1978.



RAMOS, V.; MARQUES, J.. Dos jogos educativos à gamificação, **REVISTA DE ESTUDIOS E INVESTIGACIÓN EN PSICOLOGÍA Y EDUCACIÓN**, 2017